

69 Salas H&V

MEXA

Começa assim.

Primeiro, erámos 5, depois 6, 10, 15, 12, 15 de novo, 19, 21. Nos últimos dois dias, fomos 18 e 19, respectivamente. A gente nunca sabe ao certo quantas somos. Somos no agora, e somos sempre muitos. No começo, parecia estranho coexistir ali, não que seja fácil em qualquer momento, nunca é, ocupar a mesma casa, o mesmo prédio, a mesma calçada, a mesma cidade, um único país. O mesmo governo pra todo mundo. As distâncias que nos separam parecem enormes. Tudo uma questão de escala. Ali, juntos, éramos um grupo, agora, o MEXA.

Antes de existir o MEXA, era cada um no seu próprio caminho e talvez nunca tivesse encontrado o outro e o nosso grupo estaria, assim, incompleto, como qualquer grupo, insuficiente, porque tem um monte de gente que não cruzou com a gente. As histórias são sempre pela metade, ou um terço, às vezes uma fração tão pequena que nem se consegue pronunciar.

Antes de existir a peça, eram nossas histórias, sempre maiores do que o que caberia no texto. Esse projeto é um livro que nunca foi escrito, um filme desaparecido numa cinemateca de uma cidade do interior, uma peça de teatro que é para sempre um ensaio. A gente podia contar nossa história para vocês. A gente poderia fazer vocês chorarem ou rirem falando sobre a gente. Vocês sairiam daqui satisfeitos.

Mas a gente escolheu falar sobre a mulher-aranha.

A gente escolheu fazer uma cena.

A gente escolheu fazer essa cena.

Agora.

Começa assim.

Imagine um filme em que várias imagens registradas pudessem ser sobrepostas, de modo que a gente nunca esteja juntas num mesmo tempo e espaço, mas possa se encontrar em forma de registros fantasmas. A gente é então esse filme de sobreposições, assumindo o corpo de várias outras pessoas, que poderiam ser também editadas e incluídas nas nossas imagens, que vocês agora assistem ao vivo. Não, melhor, pensa que é um filme. Mas porque nós estamos todas dentro dele, é quase como se não fosse cinema. É um teatro, ou um dia na vida de qualquer uma de nós. Imagine então que é um dia da nossa vida, sempre tem público para as coisas que a gente faz. A vida é um diálogo malfeito de ficções que deram errado. Por isso, essa pode ser uma ficção que deu errado. Vocês sabem, não há mal algum em assumir certos fracassos.

Agora.

Já começou.

Fecha os olhos, Valentim. No escuro é mais fácil imaginar. Nós estamos num desfile. Imagina que ele acontece no meio da avenida mais movimentada dessa cidade. Os carros desaparecem de uma hora para a outra, e então só existem pessoas caminhando por todos os lados. Talvez esse filme aconteça no futuro, não me lembro muito bem. Acho que sim. Acho que esse filme acontece num futuro próximo. Nesse desfile, não existe um critério objetivo para escolher a vencedora. Todo mundo anda da melhor forma que consegue, que geralmente é a única, durante dias inteiros, uma espécie de romaria pra lugar nenhum, um teste de resistência pra quem caminha sem um ponto de chegada certo.

O público nos encontra na frente da Casa Florescer, ao lado do Centro de Acolhida Prates. Estamos na porta, tomando cerveja, tocando violão, conversando entre nós. Alguém nos avisa que já deu a hora, instauramos um silêncio. Luiza canta "O tempo não para" encostada no portão. Somos 18 (ou 19) travestis andando na Rua Prates na contramão, com salto alto em apenas um dos pés, caminhando todos no mesmo ritmo, de modo que o salto que bate no chão faz um barulho de tambor. Estamos prontas pra batalha. Percorremos a trajetória firmes, olhando para frente, sutilmente convidando os transeuntes a se unirem a nós em nossa marcha.

No segundo dia, uma criança gritou da janela para nós: “sapatão, filha da puta, vai se foder, vai tomar no cu.” O pai tentou lhe tampar a boca. Outra cena dentro da cena. Mas quem, afinal, era a sapatão?

Chegamos à Casa do Povo. Paramos na porta. Carregamos Anita. Subimos.

Imagine que nós estamos todos presos. É uma última imagem. A definitiva. Nós estamos presos para sempre, juntos, no presídio de segurança máxima. Essa história acontece no tempo presente. Aqui, não se pode abraçar ou conversar por mais de dez minutos com a mesma pessoa. Todos os seus passos são vigiados.

Você chega na cela. Se a cela estiver aberta, você vai entrar, vai cumprimentar as pessoas que estão lá, vai dizer que você foi pago aqui, a polícia me pagou aqui. A pessoa entra, sempre tem duas, três dentro da cela que vão perguntar: mas quem é você? Aí começa uma conversa.

Cada pessoa fica trancada o dia todo numa cela, em silêncio, olhando para a parede que, aos poucos, vai envelhecendo, descascando e perdendo pedaços, como nós, ficando mais velhas dia a dia. Aqui dentro, você consegue sentir completamente a passagem do tempo, as 24 horas, formadas por 60 minutos, cada um com 100 segundos. Você desenvolve técnicas para sobreviver, como contar de um a cinco mil em silêncio, enquanto inspira e expira, inspira e expira, inspira e expira.

Todos nós nos deitamos em camas, num corredor que poderia ser essa prisão, mas que é também o último andar da Casa do Povo. As camas foram emprestadas e não sabemos se elas foram usadas antes. Durante os ensaios, nos habituamos com elas, cada um tinha a sua favorita, guardamos os objetos que trouxemos conosco, colocamos nossas cartas embaixo do colchão, lendo para um público imaginário trechos de histórias que não precisavam ser necessariamente escritas por quem as lia. Tossimos. Ouvimos a criança ler um texto impossível de alguém que foi preso.

A gente precisa falar: “Eu sou fulano de tal, fui pago aqui.” Aí o cara começa a falar: “mas você é primário, você tá preso no que?” Essas perguntas, sempre têm. Cada dia tem um. Agora, se não quiser fazer uma faxina, você paga pra ele fazer pra você. Com cigarros, com outras coisas, certo? Então quando a gente chega numa cela, a gente fala uma vez só. As pessoas são orientadas uma vez só. Os presos, principalmente os mais velhos, eles detestam ter de ficar falando sempre as mesmas coisas. Você tem que ver, ouvir e praticar mais. Os outros não vão ficar falando toda hora, toda hora. Antigamente era assim, hoje não. Se você entrar na cadeia, o cara fala uma vez só pra você.

Nas celas-camas emprestadas, você pode ouvir um pouco da nossa história, contada através dos vestígios do que carregamos conosco. Aquilo que ainda não foi

destruído. Sobrou pouca coisa dentro da nossa cela. Só o que há de importante. Quer dizer, tudo que ficou tem que ser importante, porque é o que nos resta. A nossa história poderia ser contada não apenas pelo que somos ou gostaríamos de ser, mas pelas coisas que trouxemos conosco. Nós somos os nossos documentos:

Um RG com foto de criança

Um RG com nome de batismo que ninguém conhece

Um RG rasgado

Um diário

Um fio de cabelo

Cartas com envelopes abertos

Um espelho

Textos de uma peça que ainda não foi montada

Cenas de um filme que não aconteceu

[Imagine, agora, que, no meio dessas cartas anônimas, estivessem também cartas que nós mesmos escrevemos, mas quase não nos lembramos mais. Percebe. Com o tempo, quase tudo que você disse e escreveu perde o sentido. Você, a cada ano, parece uma pessoa nova, que dirá seus documentos. Imagine que no meio dessas cartas todas, você pudesse se reencontrar consigo mesmo]

Dentro desta calça, sozinha, como sempre. Só cabe eu nesta calça, nesta causa de sobreviver eu estou a ponto de envelhecer antes do tempo. Não que eu já não tenha sentido esse medo antes, mas agora é diferente. Nada tem a ver com o tempo, o tempo é o mesmo. Estou a ponto de envelhecer de medo por medo de envelhecer antes do tempo. E esse é um aviso e um pedido. Envelhecer, esse não é o problema, meu maior medo é morrer sozinha, porque você sabe, o problema da gente que tem HIV não é o medo da morte, o problema da gente que tem HIV é o medo do outro, mas é que esta criação precisa sair de outro lugar eu vou te pedir uma última coisa: me ajuda a descrever este lugar, me ajuda a escrever meus próximos textos pra poder falar alguma coisa e depois vai, depois pode ir. Para hacer esto tuvimos, todos, que tener coraje. Pero tuvimos coraje? Podemos engañar nuestro propio coraje? Para que sea coraje este tiene que ser empujado siempre a un limite, el coraje no se mantiene solo y esto nos confunde y da trabajo. Creo que todos salimos de alguno de estos encuentros cagados de miedo si no por lo menos llegamos acá cagados de miedo.

PARENTE, A MINHA PERGUNTA É MUITO SIMPLES:
QUANDO O CORPO VAI PARAR DE DESDIZER
O QUE A BOCA INDIGNADA DIZ?

Por que você insiste em fazer perguntas que a gente não vai responder? Pergunta sobre minha melhor amiga, se eu já tive melhor amiga, sobre minha mãe, se eu tenho mãe, por que eu não falo com minha mãe, ainda que ela esteja viva, pergunta meu nome. Sua mãe morreu, seu pai morreu, seu irmão morreu, e eu já estou quase morrendo só sobrou uma imagem de mim. Era uma vez VÍRGULA uma menina VÍRGULA que foi engolida por uma baleia VÍRGULA e a mãe dela passou o resto da vida buscando ela no mar PONTO FINAL! I WANNA MAKE REVOLU-TIOOOOOooooooooonnnnn... Deixa de ser "beixta", travesti não sente. Travesti só balança, fala abobrinha e faz o povo gemer, essa é uma história real, que aconteceu comigo mesma. Eu não queria ser protagonista, mas os papéis que a gente ocupa nem sempre são por escolha. Às vezes, eu sinto como se tivesse vivido num deserto. 40 dias e 40 noites. Quando eu digo deserto, você deve imaginar areia e solidão, mas o que eu quero dizer é um deserto aqui mesmo, nessa cidade, onde ninguém se conhece.

Eu vou fazer essa fala

Eu fiz essa fala

Eu preparei essa fala

Eu não estou querendo dizer isso, mas ...

A questão é sermos capturados como ornamentos

Será que fuimos irresponsables? Quiero reconocer y nombrar lo que hicimos aca estos dos meses que no es esta obra. Hoy no vemos separación entre artistas y no artistas profesionales y no profesionales. Yo no tengo miedo de no ser profesional e irresponsable si los resultados pueden ser estos.

[Agora, enquanto esse texto é escrito, a peça ainda não existe, talvez ela nem chegue a acontecer. Não tem problema. A gente aceita ser somente uma promessa, por mais cruel que possa parecer não ocupar um espaço real]

Isso já é de verdade.

[A gente dubla cada uma das músicas da jukebox e, depois, os outros textos que vamos dizer aqui não passam também de dublagens de frases que não foram escritas por nós. A vida é às vezes uma dublagem mal feita de diálogos previsíveis. Nem sempre]

Manual de bombas:

- Suba numa escada com os seios de fora e grite “O problema da gente que tem HIV não é o medo da morte, o problema da gente que tem HIV é o medo do outro”. Não chore. Se ficar emocionada, faça de novo.

- Coloque um salto alto, suba num skate e faça perguntas que você e as outras gostariam de responder. Só pare quando ocorrer uma queda grave. Tombos leves não são suficientes para parar a cena.

- Ande numa cadeira de rodas e conte sobre o dia em que precisou usar o banheiro em um Centro de Acolhida, mas não foi ajudada por nenhum assistente social. Enquanto conta essa história, faça xixi no chão, na frente do público. Ao terminar o relato, jogue-se em cima do próprio xixi.

- Tampe a cabeça, coloque um pinto de borracha, ande até um dos espaços fechados e, em silêncio, mostre folhas A4 brancas para o público. Em cada uma está escrito o que nós do grupo gostaríamos de ser, se pudessemos ser qualquer coisa no mundo.

- Suba no telhado enquanto a mãe conta sua história de prostituição, com sua filha pulando amarelinha atrás dela, e faça xixi lá em cima. Cante Lua de Cristal com os demais atores.

- Pegue balões e jogue no público quando a peça tiver acabado.

Começa assim. Ainda vai começar. A gente tá sempre começando.

Estamos presos nesse espaço com um público imaginário há trinta anos, já esquecemos como é do lado de fora, se há lado de fora. Até nosso nome, a única coisa que é da gente, já esquecemos, o rosto da nossa mãe, nosso próprio rosto no espelho. Estamos presos há trinta anos, mas agora nós vamos sair.

A gente sai para o banho de sol.

É um sábado (e depois um domingo) quente e ensolarado e o público nos vê saindo e tapando os olhos, andando cegos no pátio do presídio, nos esbarramos, abraçamos, dançamos, caímos, caímos em cima uns dos outros, caímos na banda, caímos no público, nos levantamos e começamos a falar. Essa peça é o nosso jeito, que a gente encontrou pra se ouvir, um encontro possível de quem está junto no mesmo tempo e espaço.

Agora.

Começa assim.

AGORA É MINHA VEZ

Um grito

AGORA É MINHA VEZ

Outro grito

Nós tínhamos o desejo de falar sobre o marginal. Essa era uma das falas da Anita, mas ela sempre esquecia. Durante a peça, ela perguntava para alguém qual era o texto do marginal, e a cada ensaio ela o dizia de um jeito diferente. No dia da primeira abertura, uma de nós, a Beth, improvisou uma resposta ao desejo de falar sobre o marginal: Onde fica a margem? Qual o limite? Qual o nosso limite dentro desse espaço que a margem delimita?

No início, queríamos fazer uma peça. Tínhamos diretora, dramaturgo, atores, atadores, equipe administrativa, corpo curatorial que nos selecionou, tínhamos uma instituição confirmando nossa existência. Mas a cada ensaio, novos corpos eram convidados a ocupar o nosso espaço ou forçavam sua entrada de maneira gentil e nossos postos tornavam-se descontextualizados; o projeto que tínhamos proposto estava sempre atrasado em relação ao que acontecia. Agora. Começa assim. Nossos exercícios de aquecimento foram se tornando obsoletos. Os textos que fazíamos precisavam ser emendados a cada fim de tarde. O livro da mulher-aranha foi ficando acumulado junto com as outras cartas ao mundo que escrevíamos, junto com o cordel da Luisa, com os nossos roteiros desenhados precariamente em papel craft. Às vezes éramos muitos, como no dia em que várias mães e filhos e filhas angolanos vieram acompanhar os ensaios, quando a Anita trazia amigas ou quando a banda Coração Valente apareceu, ensaio que acabou em briga entre dois músicos. Esse foi o primeiro dos nossos embates. A gente queria falar sobre o conflito, não dava pra ser diferente. Não seria possível um projeto hierárquico pré-definido que se mantivesse assim, conduzido por aqueles que se julgavam mais próximos de uma atuação artística do que os outros. Não dava pra falar sobre o marginal sem falar com o marginal, sem que o marginal falasse. Sem que todos nós perdêssemos completamente os textos que havíamos nos proposto a dizer.

Viramos um corpo. Um processo colaborativo deve ser isso. Para além de academicismos, um processo horizontal deve ser isso. Isso poderia ser uma construção coletiva. Cada um decidiu sua própria cena, apesar de estarmos presos pela mesma coluna vertebral, que poderia e era bombardeada de tempos em tempos, dentro e fora da cena, que já começava na rua, que nunca chegava a ter um fim.

Começa assim.

A gente decidiu fazer essa cena

Agora

Imagine uma peça de teatro que é na verdade um dia de uma vida que não poderia ser vivida por ninguém sozinho. Nós, o MEXA agora, queremos ser uma obra, um processo, uma palavra que ainda não foi inventada. A vida é um diálogo malfeito de ficções que deram errado. Nós, então, podemos ser uma ficção que deu errado. Não tem problema.

* O MEXA não se define como um coletivo artístico, mas se utiliza de táticas artísticas para defender e promover o encontro da diversidade da população em situação de rua e vulnerabilidade. O grupo se formou em 2015 e atua por meio de diversas ações em alguns centros de acolhida da região do Bom Retiro. A proposta de 69 Salas H&V parte de uma série de laboratórios experienciais e vivências que buscavam pensar e discutir questões ligadas à marginalidade a partir de relatos e histórias pessoais dos integrantes do grupo.